

VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL

OLD AGE IN CONTEMPORANEITY: A PSYCHOSOCIAL ANALYSIS

CAROLINE DE MORAES REIS^{1*}, CARLA FERNANDA BARBOSA MONTEIRO^{2**}

1. Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ. 2. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e Docente do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

* Av. José Alves Nendo, 1256, Jardim São Silvestre, Maringá, Paraná-Brasil.CEP: 87055-000. krol.moraes@hotmail.com

** Rua Mário Rainha, 149ª, Jardim Dias, Maringá, Paraná-Brasil.CEP: 87025-751. prof.carlamonteiro@uninga.edu.br

Recebido em 27/09/2016. Aceito para publicação em 11/11/2016

RESUMO

Este artigo é fruto de um processo de pesquisa consequente da conclusão do curso de Psicologia no Centro Universitário Uningá. Nosso objetivo foi caracterizar e analisar aspectos psicossociais da velhice na contemporaneidade, a partir de pressupostos teóricos da Psicologia Social. Buscou-se caracterizar através do método de pesquisa bibliográfica e análise qualitativa do material, vivências consideradas significativas aos idosos pela psicologia do Desenvolvimento, procurando discuti-las através de uma implicação crítica da realidade. Para isso o caminho escolhido neste trabalho foi primeiramente a contextualização da velhice na cultura atual, um breve resgate histórico sobre o processo de envelhecimento e finalmente a discussão de alguns aspectos envolvidos no processo do envelhecimento atual. Os resultados demonstram que a velhice vem sendo estudada, bem como no que tange o conceito de velhice bem sucedida. Ainda, visando esta perspectiva pode-se observar que o conceito de velhice é algo construído historicamente, moldado pelos pressupostos da sociedade. Diante disso, concluímos que a mesma, deve estar implicada constante e intensamente nos estudos que acercam o tema e seus anexos. Para que desta forma, advenha à possibilidade de contribuir deveras para desmistificar novas realidades que passam a velhice e o envelhecer.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, psicologia, velhice.

ABSTRACT

Many This article is the result of a subsequent search process of Psychology graduation at Uningá University Center. Our objective was to characterize and analyze psychosocial aspects of aging in contemporary society, from theoretical assumptions of social psychology. We sought to characterize through the method of bibliographic research and qualitative analysis of the material, experiences that are considered significant for the elderly by the developmental psychology, looking for discuss them through a critical implication of reality. For this the way chosen in this work was first the contextualization of old age in the current culture, a brief historical review of the aging process and finally the discussion about some aspects involved in the current aging process. The results show that aging has been

studied, as well as regarding the concept of a successful aging. Still aiming this perspective can be observed that the concept of old age is something built historically shaped by the society assumptions. Therefore, we conclude that the same should be constant and ripping involved in studies that include the theme and annexes. For thus it has possibility for really contribute to demystify new realities that underlie old age and the act of age.

KEYWORDS: Aging, psychology, old age.

1. INTRODUÇÃO

Nota-se que ao longo dos últimos anos o crescimento da população idosa modificou o cenário mundial. Com este advento, muito se tem estudado sobre esta perspectiva de vida no campo da psicologia aplicada à velhice, que se iniciou no século passado na Europa ocidental e nos Estados Unidos (NERI, 2004).

De acordo com Moreira e Nogueira (2008), o envelhecimento populacional acontece devido a transformações econômicas, sociais, políticas, ideológicas e científicas. No entanto, este pensamento não é compartilhado por todos os autores que estudam esse fenômeno de forma a desmitificar esses fundamentos. Para alguns, os fatores que desencadeiam esse crescente da população idosa, são demasiado explícitos. Como podemos perceber com Zimmerman (2000), o aumento da população idosa se faz devido à redução da natalidade, os métodos anticoncepcionais e a diminuição da mortalidade.

Todavia, a velhice não pode ser considerada igual para todos os indivíduos, ela deve ser vista de forma subjetiva e estudada em todos os campos sociais e da saúde. De acordo com Mercadante (2005), o processo de envelhecimento, se interpretado de maneira singela, nos aponta ser um fenômeno puramente biológico, natural, que acomete a todos os indivíduos. A velhice não pode ser investigada só por uma visão organicista, pois, desta forma, não se atribui seu lado social. Ela vai além de uma vertente biológica, a velhice está inserida em um contexto histórico num emaranhado de relações sociais e banhada de um fator cultural (MERCADANTE, 2005).

Segundo Moreira e Nogueira (2008), envelhecer nesse cenário de instabilidade, marcado por mudanças constantes, caracterizado pelo fenômeno da globalização e pelo consumismo, onde ocorre à rápida obsolescência de objetos, pessoas e relações, se torna uma experiência geradora de insegurança e mal-estar para o sujeito contemporâneo (MOREIRA E NOGUEIRA, 2008).

Hoje, com advento da tecnologia e modernidades, outra noção de idoso está se formando, mesmo que muitos deles ainda tenham dificuldades de se aprimorar e acompanhar o mercado de trabalho. Como aponta Mercadante (2005), na modernidade, com o fenômeno do capitalismo, entre cinquenta e sessenta anos somos considerados velhos, já que esta estatística se baseia em inatividade no mercado de trabalho.

Pensando nisso, com a elaboração do presente artigo tem se como objetivo maior a reflexão sobre a perspectiva atual da velhice e como esta, está sendo vivenciada no cenário atual. Isto prima importante, pois vivermos em uma sociedade que nos aparenta preconceituosa e excludente, onde vemos o idoso como vítima deste processo e alheio aos bens de consumo. Ou seja, a mídia como uma, de tantos exemplos, é uma estimulação a tentativa –ilusória e/ou provisória- de se manter a juventude e, não vivenciar a velhice de maneira a desfrutá-la da melhor maneira possível. Para Moreira e Nogueira (2008), há um forte apelo ao consumo, através dos meios de comunicação que contribuem para a imagem “perfeita”, supervalorizando a imagem ideal, o narcisismo é reforçado pela cultura do consumo, demanda investimento de tempo e dinheiro para o corpo.

De acordo com Moreira e Nogueira (2008), o envelhecimento é investido de valores negativos, tornando o velho, a velhice e o envelhecer algo indesejável e gerador de sofrimento. Enquanto a juventude é fortemente exaltada, a velhice é excluída e estigmatizada na sociedade capitalista, o velho perde seu poder de compra, de consumidor e conseqüentemente perde seu valor.

Aponta Neri (2004) que, o progresso social é o trampolim para o crescente número de idosos ativos, saudáveis e envolvidos socialmente, que, eram na grande maioria, vistos como doentes, apáticos e incapazes, que vinham a óbito um tanto cedo demais. “Os princípios científicos vigentes não explicavam mais o fenômeno que se observava nas ruas, nas instituições sociais nas universidades e entre os próprios psicólogos mais velhos” (NERI, 2004, p. 69-70).

Diante disto, Neri (2004) aponta que a psicologia se apropriou do campo das ciências sociais, visando os processos implícitos na construção da sociedade, grupos e das mentalidades. Os estudos desenvolvidos no campo da psicologia fornecem condições e subsídios para compreensão dos processos evolutivos da vida adulta e da velhice.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado nesta pesquisa foi uma revisão bibliográfica. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se faz principalmente por meio de livros e artigos científicos. O tipo de pesquisa utilizado foi de pesquisa descritiva, que como contextualiza Gil (2002), o objetivo maior nesta pesquisa é a explanação das características de uma população ou fenômeno. Sobre a natureza dos dados da pesquisa, está se enquadra em uma perspectiva qualitativa, na qual se busca a compreensão dos fenômenos, e não a explicação dos mesmos (MARTINS e BICUDO, 1989).

3. DISCUSSÃO

Conceito de velhice

Ao se reportar ao idoso e a suas necessidades, devemos compreendê-lo como um ser único, ainda que, no processo de envelhecimento existam peculiaridades incomuns. Para ilustrar, Neri (2004) aponta que, o processo de envelhecimento ocorre de maneira diferente para cada pessoa. Para a autora, a velhice é caracterizada pelo decréscimo das funções biológicas, da resiliência e das modificações corporais.

De acordo com Mafra (2011), do ponto de vista biológico, o processo de envelhecimento é caracterizado pela queda das funções orgânicas. Este é um processo natural, progressivo e irreversível, com modificações fisiológicas e bioquímicas que se manifestam por mudanças corporais externas, como perda do tônus muscular, rugas e branqueamento do cabelo, e internas, tais como alterações no metabolismo e funcionamento de órgãos vitais (MAFRA, 2011).

Com o domínio do crescimento populacional fez-se a busca de um envelhecimento pautado na qualidade de vida e bem-estar. De acordo com Teixeira e Néri (2008), em 1944 começou-se a buscar e discutir o significado de envelhecimento bem-sucedido. A compreensão da velhice na área médica geriátrica aponta para um fator biológico com decréscimo físico e mental irremediável, assim que seu organismo alcança uma condição de “plena maturidade” (MERCADANTE, 2005, p. 24).

Nesse sentido, D’Andrea (2006) ressalta que, a fase denominada de maturidade, compreende dos vinte aos cinquenta anos de idade, após o indivíduo ter atingido e vivenciado as realizações da maturidade. Embora consideremos a velhice como a diminuição gradativa das funções físicas, intelectuais e emocionais, entende-se que a mesma começa após os setenta anos.

Para Bee (1997), por volta dos quarenta anos se inicia o processo de envelhecimento, que continua gradativamente na vida e se acentua aos setenta e cinco e oitenta anos de idade, com o declínio das funções biológicas e funcionais, como perda gradativa da visão, audição, paladar, olfato, perda de massa óssea e muscular e perda

das funções cerebrais, partindo do ponto da função das sinapses e neurônios.

Como podemos observar, inúmeras mudanças físicas, psíquicas e sociais são atribuídas a essa fase. Atrelado a estas mudanças o papel do idoso na família é construído paralelamente. De acordo com Cerveny e Berthoud (2010), com a passagem dos filhos a fase adulta, tanto quando os filhos saem de casa literalmente ou de maneira simbólica, quando adquirem uma postura independente, uma nova ressignificação parental é elaborada. Nesta mudança dos filhos, os pais agora se posicionam a orientar e estar perto de maneira a aconselhar e não mais educar. Cerveny e Berthoud (2010) salientam que, nesta fase também acontece a ressignificação da vida conjugal, que se faz de maneira a renovar os laços conjugais ou rompe-los. É lançado um olhar para a relação conjugal de maneira a refletir todas essas questões. Em consequência a possibilidade de se tornarem sogros e sogras bem como a figura de avós que virão assumir são quase eminentes.

Aponta Cerveny e Berthoud (2010), que esses avós podem vir a cuidar e/ou ajudar a cuidar de seus netos, mas também podem ser cuidadores da geração mais velha, ou seja, um papel muitas vezes assumido pelo casal na fase madura da relação, que um cuida do outro quando um dos dois adoece, e requer cuidados específicos. Com efeito, Cerveny e Berthoud (2010) afirmam que esses papéis podem ser de suma importância para o fortalecimento do sentimento do idoso em ser útil. Outro papel a ser repensado é o seu lugar na dinâmica familiar e nas relações hierárquicas, com a realidade da independência e saída dos filhos de casa, a aposentadoria e outras questões acerca deste processo, há uma necessidade de um novo arranjo e redefinições de papel. Há casos em que há a reversão de papéis e/ou divisão dos mesmos na dinâmica conjugal.

Construção histórica da velhice

De acordo com Ferreira, *et al.* 2012, podemos entender o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, que se caracteriza por mudanças morfológicas, funcionais, bioquímicas e também por modificações psicológicas.

Esses processos psicológicos são de suma importância para saúde mental desses idosos e devem estar atrelados à autoestima e uma percepção positiva de si. Muitos obtêm percepções errôneas quanto à velhice, devido a crenças distorcidas da sociedade. Para Moreira e Nogueira (2008), a vivência no processo de envelhecimento, que deveria ser natural, se vista de maneira estigmatizada passa a representar uma ameaça à autoestima e à aceitação de si, tornando tais pessoas vulneráveis ao sofrimento psíquico.

De acordo com Mercadante (2005), na sociedade que vivemos, as características dos idosos são vistas como

antagônicas às dos jovens, visto que a sociedade, em sua maioria, possui essa opinião estigmatizada. Quanto a isso, Mercadante (2005) ressalta que, apenas o corpo não pode revelar a velhice - mesmo que a primeira experiência de envelhecer enuncia no corpo -, mas, se o idoso estigmatiza o próprio corpo, possivelmente por um preconceito já enrustido, isso poderá afetá-lo. Desta maneira, ideias que negam um possível futuro a este idoso, também podem surgir (MERCADANTE, 2005).

Por vezes, presenciemos muitos idosos não aceitando sua própria condição de tornar-se velho, perante sua concepção é algo ruim e vergonhoso, não aceitando ajuda das pessoas, negando sua situação e suas dificuldades para certas atividades. Em outras vezes, fazem o contrário, se colocam na posição de diminuição e impossibilidade, onde Mercadante (2005, p. 33) relata: "A existência de uma identidade construída, com base em um modelo estigmatizador (...), apontam para o mesmo fundamento, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: o velho não sou eu, mas é o outro".

Silva (2008, p. 158) elucida:

A noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX. Uma série de mudanças específicas e a convergência de diferentes discursos acabaram reordenando o curso da vida e gerando condições para o surgimento da velhice.

Percebe-se que o conceito de velhice esta atrelado ao momento histórico, partindo do suposto que o homem é um ser constituído pelos moldes da sociedade. Piletti (2014, p. 35) salienta, que o homem "é um ser social, político e histórico e que constrói e é construído, cria e é recriado mediado pelas relações sociais estabelecidas historicamente". Sendo assim, entende-se que o homem é constituído pela sociedade e a sociedade se modifica por ele.

A respeito da terminologia empregada para apontar a velhice, podemos observar em Silva (2008, p. 161) onde afirma que:

O surgimento da categoria 'terceira idade' é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice. De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família.

Vale ressaltar também, que Silva (2008) aponta que há poucos estudos históricos acerca do surgimento da nomenclatura terceira idade, até mesmo nas bibliografias que compreendem a história da velhice.

Para Featherstone e Hepworth (1995), citado por Silva (2008) a compreensão do envelhecimento como uma construção social prioritariamente atrelada a uma imagem negativa, cuja sua modificação pode vir a dar espaço para uma imagem positiva aponta estar fundada na gerontologia social. Os gerontólogos começam a apresentar ideias positivas sobre o envelhecimento baseados na teoria do construtivismo social, de forma também a ressignificar uma visão positiva para a velhice.

Estatuto do idoso

O idoso possui direitos a serem preservados. No ESTATUTO DO IDOSO, estes estão regulamentados através das Leis, que primam por fazer valer os mesmos.

Sob. - LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994 - Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

TÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

De acordo com Art. 1º do Estatuto do Idoso (2003), cabe ao Estatuto do Idoso destinar e regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

Ainda, com base no Estatuto do Idoso (2003, p. 11):

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º “É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer”.

Assim, como já fora citado, o Estatuto do Idoso tem papel fundamental para regulamentar todos os direitos dos idosos, visa por assegurar os direitos dos mesmos. E, de igual importância, elencar o papel do poder público, da sociedade e da família. Também de suma importância para o bem-estar físico e mental destes, pois, cabe ao Estatuto do Idoso firmar as necessidades básicas necessárias para o idoso vivenciar os estágios do envelhecimento com qualidade de vida.

Para Cerveny e Berthoud (2010), indicadores sobre uma condição geral de saúde no processo de envelhecimento elucidado pela perspectiva da Psicologia Desenvolvimental foram elaborados, denominados em três

categorias, são elas, normal, patológico e ótimo ou saudável. A primeira não se furta das alterações da própria fase de envelhecimento. No envelhecimento patológico é denominada a presença de doença, mudanças no funcionamento e na sequência de desenvolvimento. Em sua terceira categoria no que tange o envelhecimento ótimo ou saudável aborda o ideal em bem-estar, qualidade de vida, dentro das capacidades físicas e mentais, bem como, a ausência de doença que impeça as capacidades de uma vida contínua e dinâmica.

Vivências significativas da velhice segundo a psicologia do desenvolvimento

De acordo com D’Andrea (2012, p. 137) conforme citado por Piletti (2014, p. 205) na fase de climatério – por volta dos 50 anos -, ocorre influências significativas na personalidade do adulto, desta forma, “tem-se a segunda recapitulação dos processos psicossociais da infância. Então desejos não satisfeitos, fixações e conflitos ressurgem ameaçando o indivíduo, que se vê, assim, presa da ansiedade” (D’ANDREA 2012, p. 137 APUD PILETTI 2014, p. 205). Em contrapartida, há a sensação de que esta fase é a oportunidade última para resolução dos problemas outrora não esclarecidos. Este momento da vida do adulto solicita uma reformulação de suas atitudes referentes a si, haja vista que pode ressoar na sua personalidade. Com efeito, Erikson (apud Piletti, 2014, p. 206) afirma que, “a personalidade continua a sofrer modificações na idade adulta”.

Segundo Margis e Cordioli, (2001) dentre os estágios dos ciclos vitais descritos por Erikson (1972), o indivíduo em sua a meia-idade se encontra no estágio caracterizado pela Generatividade versus Estagnação. A preocupação é característica de todas as gerações, porém na meia-idade a generatividade desencadeia principalmente uma preocupação protetora por todas as gerações, se preocupando ainda mais em transmitir e orientar conhecimentos as gerações seguintes, tendo como benefício neste estágio o cuidado e a preocupação instintiva. O autor trás que uma falha neste estágio pode gerar uma estagnação pessoal, podendo refletir em diversos comportamentos do indivíduo, sendo chamado de crise na meia idade, que consiste em uma avaliação intrapsíquica característica de todos os aspectos da vida humana, pautadas nas tomadas de decisões que influenciam na sustentação estrutural do casamento, família, amigos e carreira profissional que foram construídas ao longo de sua vida.

Sobre isto, Margis e Cordioli, (2001) ainda salientam que, quando se estabelece um conflito em manter, alcançar ou não, os objetivos construídos ao longo de sua vida, há uma ruptura que se caracteriza pelo pensamento de ir buscar novas metas a serem realizadas, pensando que poderá ser sua última oportunidade, não podendo ela ser adiada, pois pensa que seu tempo de vida já esta cur-

to. Os indivíduos que já entram na meia-idade frustrados pela não realização de seus objetivos, se deparam com o trabalho de ter que compreender a limitação do tempo e a aproximação da morte, o que pode fazer com que os mesmos, antecipem sintomas que caracterizará uma crise psicológica, nomeada então de “Crise da Meia-Idade”. No desfecho da crise, existem diferentes fatores, como o grau de satisfação ou insatisfação em que algo foi obtido; o grau de confiança em si mesmo e as expectativas de sucesso; a autoestima; a capacidade de correr riscos e conviver com incertezas. Pois bem, a solidez das estruturas de ego, estabelecidas ao longo das etapas anteriores.

Segundo Margis e Cordioli (2001), o tema família para indivíduos na meia-idade diz respeito a reavaliações nos graus de vínculo, tais como a dúvida de permanecer ou não no casamento, que pode gerar consequências que refletem a pessoas ao seu redor, como filhos e os parentes mais próximos. Tendo o casal que se aceitem e aceitar as mudanças corporais do outro. Muitos podem sentir inveja da vitalidade dos filhos e reviver de forma ressentida ou deprimida oportunidade perdidas. Os pais devem reconhecer a individuação de seus filhos, propiciando assim a consecução de identidades firmes de ego (MARGIS e CORDIOLI, 2001). Ainda, Margis e Cordioli, (2001) cita algumas tarefas evolutivas da meia-idade, como aceitação do envelhecimento do próprio corpo, conservação da intimidade, aceitação do tempo e da morte, reavaliações dos relacionamentos, a relação com os filhos, etc.

Sobre a ausência da família, ou a mudança da dinâmica familiar, Cerveny e Berthoud (2010) apontam que, o ninho vazio ocasionado pela ausência dos filhos no âmbito de convivência direta, pode ser visto como algo produtivo e construtivo, a respeito da intimidade do casal, obtendo a possibilidade em reviver novamente a vida a dois. Para Cerveny e Berthoud (2010), os netos também, trazem experiências diferentes e realizadoras para os idosos e, o papel de avós é um ganho significativo nesta fase. É um deleite em afeto e amor, sem responsabilidades maiores que outrora foram necessárias para com os filhos.

De acordo com Piletti (2014), no que tange o estágio que se encontra o idoso – acima de 60 anos-denominado por Erikson como Integridade do Ego versus Desespero, é caracterizado por uma apropriação positiva das fases anteriores ao processo de envelhecimento, salvo se estas questões não forem bem elaboradas e estruturas ao ego equilibrado, a experiência do desespero será evocada.

Podemos supor que o processo de envelhecimento é uma fase difícil e de grandes adaptações para as pessoas. Assim, Kovács (2008) afirma que, algumas pessoas sentem dificuldades em lidar com esta fase. Para Moreira e Nogueira (2008), na contemporaneidade, a sociedade produz um grande paradoxo. De um lado, a ciência não

mede esforços para prolongar a expectativa de vida, de outro, se mostra despreparada para acolher e definir o lugar e o papel dos que envelhecem.

Isso nos mostra que apesar de toda tecnologia aprimorada e desenvolvida para vivenciar o processo de envelhecimento com mais tranquilidade e menos obstáculos, parece ser um tabu envelhecer em bem-estar. Todavia, como já apontado anteriormente, o idoso sente dificuldades de estabelecer o seu papel e lugar na sociedade, como também adquirir novos papéis na família. De acordo com Zimmerman (2000), a família tem um papel importante em nossas vidas e, na medida em que envelhecemos os papéis que exercemos vão se modificando e a relação de dependência torna-se diferente. No caso do idoso, a família passa a ser os filhos, netos e os bisnetos. Contudo a família tem dificuldade em entender o papel deste, e lidar com essas transformações (ZIMERMAN, 2000).

Dessa forma, muitas famílias acabam blindando o idoso de ter sua autonomia e opinião dentro da hierarquia familiar, de modo que não estimula o idoso à independência, podendo assim, retirar sua subjetividade. Zimmerman (2000) afirma que, é comum às famílias pedirem interdição do idoso, alegando sua incapacidade para administrar seus bens.

Também há casos em que a família leva o idoso para morar junto a ela, fazendo com que esse idoso deixe sua casa. Zimmerman (2000) explica que, isso é uma questão recorrente em muitas famílias, que levam os idosos para morar em suas casas, obrigando-os a deixar não só a casa, mas o lugar que moraram quase a vida toda. Presenciamos muitos fatos sobre essas relações, onde Zimmerman (2000, p. 40-41) salienta, “Uma das piores violências cometidas contra o velho pode ser chamada de massificação. A massificação é o resultado de idéias pré-concebidas e estigmatizantes (...). A massificação transforma o velho em um todo, e quem é um todo não é nada”.

No que tange ao trabalho, mesmo que este idoso não esteja exercendo o diretamente, o ato outrora de fazê-lo, implica em se apropriar de uma história construída com base no labor. E isto, está inscrito em sua personalidade, não raro estar na construção de seu discurso (REIS, 2011, citado por PILETTI, 2014). A perda deste e, o processo de aposentadoria se torna marcante na vida do idoso. É um luto a ser elaborado, já que o trabalho pode ser visto como algo da personalidade do indivíduo que atinge esta fase com aproximadamente 30 anos inserido no campo laboral (CERVENY e BERTHOUD 2010).

O findar da vida, também é uma realidade recorrente nesta fase da vida. A morte é eminente para os indivíduos, sobretudo uma ideia latente para os idosos, que quando não elaborada, pode acarretar em sofrimento psíquico. Sobre isto, afirma Kovacs (2008) que, há uma negação da realidade diante das mudanças angustiantes

que despertam o tempo todo o ameaça de morte. A angústia nessa fase pode ser intensa podendo chegar a um desequilíbrio emocional. Nesta fase pode ocorrer à perda do cônjuge, da autoestima, haver uma restrição que limita qualquer tipo de desejo, enfermidades físicas e mudanças de atitudes da família e da sociedade.

A doença é outro aspecto que alavanca a sensação de morte e finitude. Kübler-Ross (1996) ressalta que, o avanço da medicina contribuiu para lograr uma maior perspectiva de vida, porém, está segue atrelada ao crescimento da população idosa, que apresentam inúmeras doenças associadas à própria velhice. Segundo a mesma autora, falar da morte e morrer são um “tabu” em nossa sociedade (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 18). Tendo em vista esta ideia, as questões que acercam este contexto, parecem alheias ao pensamento cotidiano dos indivíduos. Kübler-Ross (1996, p. 19) salienta que: “quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte”.

Kübler-Ross (1996), elucida cinco estágios que emergem da ideia da doença e o morrer. Estes são a negação, a raiva, barganha, depressão e aceitação. No primeiro estágio o indivíduo que se depara com a fase terminal, adquire literalmente um estado de negação de sua impotência e/ou doença, negando a existência da mesma, se esquivando da realidade da notícia e do fato com inúmeros argumentos, questionando muitas vezes a fidedignidade do resultado de seu diagnóstico. A raiva acomete o indivíduo, fazendo reproduzir atitudes egoístas, se torna queixoso e se utiliza da blasfema. No estágio da barganha o sujeito recorre à troca, a algum tipo de benefício que poderá vir a executar caso seu quadro mude perante uma doença eminente, em muitos casos recorrem à fé. Na depressão o estado pode se tornar crítico, que necessita da compreensão da família e outros que cuidam direta ou indiretamente deste, é um estágio de sofrimento latente. Quando se elabora a aceitação, é quando já foi sanado pelo menos minimamente as frustrações latentes, e se tem uma maior percepção dos fatos, desta forma pode construir uma posição mais equilibrada e controlada da situação em que se encontra, ou seja, aceita sua condição (KÜBLER-ROSS, 1996).

4. CONCLUSÃO

Podemos supor que o conceito de velhice é algo construído, é um processo, ou seja, não nascemos vivenciando a experiência de ser e estar velho, e sim vamos nos tornando velhos gradativamente, é algo a ser aprendido e condicionado. Todavia, o mesmo está sendo construído historicamente. Portanto, observamos que opiniões sobre o conceito que define o lugar em que o idoso se encontra atualmente na família e na sociedade, diferem, pois, o significado de envelhecer é uma questão individual que implica vários determinantes. A respeito, Teixeira e Neri (2008, p. 91) dizem: “O conceito gera

debates porque depende de uma apreciação individual que é justificada no bem-estar subjetivo”.

Ora, “(...) não há unanimidade de pensamento e de forma de reflexão nem mesmo entre os grandes expoentes da filosofia”. Esta, “(...) repousa na reflexão que se faz sobre a experiência vital e esta propicia derivações interpretativas diferentes sobre as impressões, imagens e opiniões concluídas” (BARROS e LEHFELD, 2000, p. 34-35). Desta forma, como destacam os autores, há de se entender que se tratando de velhice e o processo de envelhecimento, devemos identificar o momento em que está se encontra e, nos apropriar de uma visão holística para compreendê-la. Para tal, podemos ver o quão diferente são as ideias acerca deste processo.

A busca pela obtenção da longevidade e bem-estar deve ser buscada a cada dia. Entender como isso é possível e o que o envelhecer na contemporaneidade pode significar, deve estar implicado nos estudos de todas as áreas do desenvolvimento humano e suas relações. Afinal, todos os indivíduos vivenciam a experiência de envelhecer, e buscar formas de desfrutar essa fase com tamanha plenitude, é o que todos deveriam ansiar.

Assim, destaca Cervený e Berthoud (2010) que, o idoso deve buscar novas realizações, novos projetos de vida, diferentes significados e visar salientar o lado positivo desta fase, não somente para ocupar se, mas sim, para vivenciar novos ciclos de amizades, novos grupos sociais, novos membros familiares e outros. Destacando se ainda, que isto não é restrito ao sujeito idoso. Deve se ter uma visão holística acerca desta dinâmica. Quanto a isto, Cervený e Berthoud (2010, p. 239) ressaltam que, “Oportunidades precisam ser geradas na família, na comunidade, nas políticas públicas, nos programas sociais e educacionais”.

Neste sentido, uma visão positiva da velhice pode ser construída e vivenciada dentro de uma perspectiva pautada na qualidade de vida e bem-estar. A família e a sociedade devem desenvolver subsídios capazes de incentivar uma mudança de paradigma quanto à velhice. Para que desta maneira, advenha à possibilidade de uma atitude positiva do idoso perante a mesma, assim sendo, mudanças a respeito de uma visão negativa da velhice poderá ser ressignificada positivamente. Em vista disso, o idoso poderá se apropriar da ideia de desfrutar da vida com saúde e em bem-estar.

REFERÊNCIAS

- [01] BARROS. A. J. D. S.; LEHFELD. N. A. D. S. Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- [02] BEE, H. Ciclo Vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- [03] CERVENY. O. D. M. C.; BERTHOUD. E. M. C. Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

- [04] D'ANDREA, F. F. Desenvolvimento da Personalidade enfoque psicodinâmico. 17. ed., São Paulo: Bertand Brasil, 2006.
- [05] ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e legislação correlata. 4. ed. Centro de Documentação e Informação Edições Câmara Brasília: 2009.
- [06] FERREIRA, O. G. L., et al. Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis: v. 21, n. 3, p. 513-518, Jul./Set, 2012.
- [07] GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.
- [08] KOVACS, M. J. Morte e Existência Humana: Conceitos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção. *Revista Psique*, Ano III, n. 33, 2008.
- [09] KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes: 1996.
- [10] MAFRA, S. C. T. A tarefa do cuidar e as expectativas sociais diante de um envelhecimento demográfico: a importância de ressignificar o papel da família. *Rev. Bras. Geriatria. Gerontologia*. Rio de Janeiro: v. 14. n. 2., 2011.
- [11] MARGIS, R.; CORDIOLI, A. V. Idade Adulta: Meia-Idade. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- [12] MARTINS, J.; BICUDO. M. A. V. A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.
- [13] MERCADANTE, E. F. Velhice: Uma Questão Complexa. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (orgs). *Envelhecimento Complex (idade)*. São Paulo: Vetor, 2005.
- [14] MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol. USP*. São Paulo: v. 19. n. 1, Março, 2008.
- [15] NERI, L. A. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo: v. 1, n. 1, p. 69-80, jan/jun. 2004.
- [16] NERI, M. L. Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos. *Psico-UFS*, Itatiba: Jan/Jun. 2004.
- [17] PILETTI, N. ROSSATO. M. S.; ROSSATO. G. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Contexto, 2014.
- [18] SILVA, R. F. L. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Coelho Neto*. v. 15. n.1, p.155-168, jan/mar. Rio de Janeiro: 2008.
- [19] TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: Uma meta no curso da vida. *Psicol. USP*. São Paulo: v. 19. n. 1, Jan/Mar. 2008.
- [20] ZIMERMAN, G. I. Velhice: Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.